

VILA GALÉ, SOCIEDADE DE EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS, S.A.

RELATÓRIO DE GESTÃO SÍNTESE DE INDICADORES

Com referência a 31 de dezembro de 2020, são apresentados de seguida os principais indicadores de atividade da Vila Galé – Sociedade de Empreendimentos Turísticos, S.A. (Vila Galé ou Sociedade):

Indicadores Financeiros (€)	31.12.2020	31.12.2019
Volume Negócios	31 064 005	98 848 615
Resultados Operacionais Brutos (antes depreciações/amortizações)	-25 599 764	45 668 204
Resultados Operacionais	-33 277 584	37 905 340
Resultado Líquido	-31 293 238	31 118 536
Resultado por Acção	-7,88	7,84
Cash-flow líquido (1)	-23 541 777	40 447 387
Cash-flow bruto de exploração (2)	-25 526 123	47 234 191

(1) - Resultado Líquido+Depreciações+Provisões+Imparidades+Variações Justo Valor

(2) - Resultado Líquido+Depreciações+Provisões+Imparidades+Variações Justo Valor+Juros+Imposto)

Indicadores Financeiros (€)	31.12.2020	31.12.2019
Activo líquido	192 955 942	220 405 554
Capitais próprios	99 901 867	137 607 868
Passivo	93 054 074	82 797 686
Autonomia financeira (Capitais próprios/Total do Balanço)	51,77%	62,43%

O volume de faturação no exercício findo em 31 de dezembro de 2020 ascendeu a 31 milhões de euros, o que representa um decréscimo significativo de 69% face ao período homólogo, severamente afetado pela pandemia covid19, que obrigou ao fecho das unidades por alargados períodos de tempo. Em valores absolutos traduz-se numa redução de 67,8 milhões euros.

Os custos operacionais diretos, registaram no exercício findo de 31 de dezembro de 2020 igualmente um decréscimo, de 45% (cerca de 28 milhões euros em termos absolutos). Esta redução, de menor amplitude que das vendas, resulta diretamente da manutenção de postos de trabalho, premissa assumida pela Vila Galé e subjacente aos apoios de layoff prestados pela Segurança Social.

Os resultados operacionais brutos do ano de 2020 ainda assim (excluindo o efeito da equivalência patrimonial), ficaram-se pelos 1,3 milhões de euros.

Os indicadores operacionais de exploração direta dos hotéis, severamente impactados pela covid19, são os seguintes:

Handwritten signature and initials.

Indicadores Operacionais	31.12.2020	31.12.2019	Var%
Número Colaboradores Hotéis	584	998	-41,4%
Quartos Hotéis	1 421 424	1 414 400	0,5%
Ocupação Hotéis	242 020	805 386	-69,9%
% Ocupação Hotéis	17,0%	56,9%	-39,9 p.p.
Quartos DRHP	51 121	43 578	17,3%
Ocupação DRHP	19 859	28 449	-30,2%
% Ocupação DRHP	38,8%	65,3%	-26,4 p.p.
Facturação Alojamento (€)	21 865 387	73 394 233	-70,2%
Facturação F&B (€)	6 422 957	22 102 509	-70,9%
Estadia Média	2,64	2,46	7,2%
Facturação Média Alojamento (€)	83,49	88,02	-5,1%
Facturação Média F&B (€)	24,53	26,51	-7,5%

São de destacar:

- ✓ Decréscimo do número de colaboradores, por caducidade dos contratos de trabalho
- ✓ Decréscimo da taxa de ocupação em 39,9 p.p.
- ✓ Decréscimo no preço médio de Alojamento
- ✓ Decréscimo do preço médio de F&B



VILA GALÉ, SOCIEDADE DE EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS, S.A.

RELATÓRIO DE GESTÃO PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS E ACTIVIDADE

INTRODUÇÃO

O presente relatório e contas visa a apresentação das contas da Vila Galé referentes ao exercício findo em 31 de dezembro de 2020.

Na sequência da publicação em 13 de julho do Decreto-Lei n.º 158/2009, que veio aprovar o Sistema de Normalização Contabilística, as demonstrações financeiras da Vila Galé são preparadas de acordo com as Normas Contabilísticas de Relato Financeiro (NCRF).

PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS

- A estrutura acionista da Vila Galé alterou no exercício de 2020, com reforço da posição da XPAR, decompondo-se da seguinte forma:

Accionistas	Capital	Accões	%
XPAR - Participações e Investimentos, SA	16 708 050	3 341 610	75,73%
José Silvestre Lavrador	1 574 145	314 829	7,13%
Maria Helena Jorge	1 574 145	314 829	7,13%
Accões Próprias	2 206 260	441 252	10,00%
	22 062 600	4 412 520	100,00%

- A Vila Galé, SA procedeu ao pagamento dos lucros distribuídos em exercícios anteriores ao acionista XPAR no montante de 17,8 milhões de euros.
- A Vila Galé, SA procedeu ao aumento de capital em 1,15 milhão de euros na sua participada SV Frutas, por conversão suprimentos, conforme deliberação em Assembleia Geral.
- A Vila Galé, SA procedeu ao aumento de capital em 600 mil euros na sua participada XVinus, por conversão suprimentos, conforme deliberação em Assembleia Geral.
- A participada Vila Galé Brasil procedeu ao aumento de capital em 38,875 milhões euros, por conversão empréstimos.
- A Vila Galé Internacional cedeu a posição que detinha na Vila Gale Brasil ao respetivo valor contabilístico de 14,6 milhões de euros à acionista Vila Galé (que passou a deter 100% da participação na Vila Galé Brasil), reduzindo o montante dos empréstimos de tesouraria efetuados pela acionista.



- A Vila Galé, decorrente da pandemia covid19 que obrigou ao fecho de unidades durante um largo período de tempo, tomou várias medidas nomeadamente (i) recorreu aos apoios da segurança social no âmbito da pandemia (layoff, apoio retoma), (ii) recorreu a financiamentos bancários no valor de 29 milhões de euros e (iii) recorreu aos apoios e incentivos à formação junto do IEFP.

ENQUADRAMENTO ECONÓMICO

ECONOMIA INTERNACIONAL

O ano de 2020, será lembrado pelo aparecimento da pandemia global da COVID 19, e pelo medo que dominou os mercados financeiros, os governos e as famílias.

Os governos e os Bancos Centrais reagiram rapidamente à pandemia, evitando uma catástrofe económica iminente, fornecendo incentivos, isenções fiscais e liquidez abundante para as empresas a todos os níveis. Enquanto financiadores, os bancos trabalharam em conjunto com os governos, fornecendo ajuda estatal na maioria das jurisdições. Entretanto, os credores diretos e os fundos especializados na concessão de crédito forneceram mais liquidez e condições de crédito mais flexíveis.

O pânico que atingiu os mercados financeiros no segundo trimestre, e que levou as empresas a recorrer a linhas de crédito, para aumentar o nível de liquidez disponível, recuou no Verão, permitindo a normalização dos spreads e dos níveis de financiamento.

Após um primeiro trimestre muito afectado pela pandemia, os mercados de ações em todo o mundo iniciam a sua recuperação.

No 3º trimestre 2020, a economia mundial começou a recuperar da recessão despoletada pela COVID 19, ainda que esse crescimento dependesse das medidas excepcionais de estímulo nas frentes monetárias e fiscais introduzidas em todas as principais economias.

A atividade económica voltou a crescer em muitos setores, sem nunca atingir os níveis existentes antes da emergência de saúde pública.

Um facto interessante desta crise da COVID, é o impacto distinto que teve nos diversos setores. Em períodos de recessão, é comum ocorrer um aumento da dispersão sectorial no crescimento do PIB, com indústrias que fornecem bens de investimento ou bens de consumo discricionários a sofrer as contrações mais acentuadas. No entanto, a dispersão sectorial das taxas de crescimento no primeiro semestre de 2020 foi substancialmente maior e muito homogénea entre países, comparativamente ao que havia acontecido na crise de 2007/2009.

Nas famílias, por exemplo, o medo do desemprego foi acompanhado por um aumento da poupança. O sector de retalho foi uma clara vítima desta menor procura. Os sectores ligados



ao Turismo, geralmente considerados seguros e resistentes, foram os que mais sofreram, e que recuperam mais lentamente porque as empresas continuam a enfrentar limitações constantes, refletindo restrições regulamentares e mudanças de comportamento por parte dos consumidores.

O resultado desta incerteza, nos diferentes sectores de actividade, faz com que as economias ainda necessitem de amplos estímulos monetários que apoiem a tesouraria e as condições de crédito das empresas, independentemente da qualidade de crédito das mesmas.

As emissões de empresas com qualidade crédito superior foram incluídas nas compras dos bancos centrais desde o início desta recessão económica e esta decisão fez uma enorme diferença em relação às anteriores gestões de crise económica.

A Reserva Federal nos Estados Unidos concluiu, logo após o Verão de 2020, a revisão da sua estratégia de política monetária, iniciada em Novembro de 2018. As suas decisões foram ao encontro dos objetivos de contrariar os défices de emprego a partir do seu nível máximo, e de alcançar uma taxa de inflação de cerca de 2% em média (o famoso objetivo de inflação média, tal como foi definido); o que implica que uma taxa de inflação ligeiramente mais elevada pode ser prosseguida após períodos em que tenha ficado abaixo do objetivo oficial.

Em Setembro, a Reserva Federal nos Estados Unidos reformulou as suas orientações futuras e anunciou que não espera quaisquer aumentos nas taxas de juro até ao final de 2023.

Em Dezembro de 2020, o Banco Central Europeu (BCE), aumentou o seu programa o Programa de Compra de Emergência Pandémica (na sigla inglesa, PEPP) em mais 500 mil milhões de euros, para um total de 1,85 biliões de euros, e prolongou a sua duração até Março de 2022.

Adicionalmente, o BCE prolongou as linhas de financiamento de longo prazo para a banca até junho de 2022. Trata-se da terceira série dos TLTRO, um instrumento de política monetária não convencional, através do qual a instituição concede empréstimos de longo prazo à banca, com o objetivo de incentivar a concessão de crédito às empresas e aos consumidores e aumentar a liquidez.

O BCE prolongou a terceira série do TLTRO em 12 meses, até junho de 2022 e criou três operações de financiamento de longo prazo que serão realizadas entre junho e dezembro de 2021.

Com estas decisões, o BCE cumpriu com o compromisso assumido de 'recalibrar' os instrumentos que tem à disposição para fazer face à crise económica provocada pela pandemia de Covid-19, e estabeleceu as regras para todo o ano de 2021, em que as condições de financiamento permanecerão acomodáticas, mantendo as taxas de juro dos governos europeus e os spreads a um nível baixo e confortável.

Fazendo uma retrospectiva de 2020, é notório que o apoio do BCE ao longo de muitos meses tem sido forte e os investidores em todo o mundo reconstruíram a confiança nas obrigações do governo e nos spreads periféricos, conduzindo a uma compressão de yields ao longo da curva.

A compressão dos spreads foi perceptível tanto nos segmentos Investment Grade como High Yield, com desempenhos mais favoráveis nos sectores tecnológico e saúde, e menores performances nos sectores financeiro e energético.

A procura de rendimento por parte dos investidores num contexto de baixas taxas de juro contribuiu para a diminuição dos spreads de crédito a partir do pico atingido em Março.

Por outro lado, as empresas, protegeram os seus balanços do potencial stress de liquidez e emitiram obrigações a um ritmo recorde no ano de 2020, e a prazos de maturidade cada vez mais longos. A emissão de títulos de maturidade igual ou inferior a cinco anos mudou pouco em relação ao ano passado, mas as emissões com mais de 10 anos ou 30 anos aumentaram em mais de 50%

O apoio dos bancos centrais, permitiu que as taxas de juro das obrigações do Estado permanecessem contidos na maioria dos países.

As yields na Alemanha e na Europa Central desceram, mantendo-se estáveis no Japão devido à continuação da política de controlo da curva de taxa de juro.

Os spreads soberanos dos países europeus periféricos apertaram-se enormemente em relação aos máximos atingidos em meados de Maio e, para alguns países como Portugal e Espanha, os rendimentos a 10 anos aproximaram-se de zero no final de Novembro.

Para além das compras do BCE, importa salientar que, no seu conjunto, a zona euro tem assistido a uma redução da oferta de obrigações soberanas desde Junho, enquanto os investidores continuaram a sua procura de rendimento com mais compras do sul da Europa: Itália e Grécia.

De acordo com os dados publicados pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), estima-se uma contração do crescimento da economia global para 2020 de 3,5%.

Segundo o "Economic Outlook" será a China a liderar a recuperação, concentrando um terço do crescimento previsto para o próximo ano, enquanto a Europa e a América do Norte manterão "um contributo menor do que o seu peso na economia mundial".

A China deverá registar um crescimento de 2,3% no PIB em 2020, sendo a única das principais economias a obter um saldo positivo, passando para um crescimento de 8,1% em 2021 e de 5,6% em 2022. Por seu lado, a zona euro sofreu uma quebra de 7,2% este ano, recuperando

4,2% em 2021 e 3,6% em 2022, e os Estados Unidos terão uma contração de 3,4% neste ano, subindo 5,1% e 2,5% nos anos seguintes.

ECONOMIA NACIONAL

A atividade económica em Portugal, ficou marcada pelo aparecimento da pandemia COVID 19, que provocou uma contração generalizada em praticamente todos os setores económicos, com especial incidência nos sectores mais ligados ao turismo, como o alojamento e a restauração, e que foram os que mais contribuíram para o declínio da atividade nos dois primeiros trimestres de 2020.

De acordo com os dados do Banco de Portugal e do INE, a queda do PIB em 2020, ano profundamente afectado pelos efeitos adversos da pandemia de COVID-19, é a maior de que há registo na atual série, com início em 1996. Para esta redução contribuíram o decréscimo quer da procura interna e quer da procura externa líquida. Do lado da procura interna destaca-se sobretudo a contração do consumo privado enquanto do lado da procura externa sobressai a forte redução das importações e das exportações de bens e serviços, com destaque para a diminuição sem precedentes das exportações de turismo.

No que respeita ao emprego, este diminuiu 1,7% em 2020, no conjunto dos ramos de atividade, e após ter aumentado 0,8% no ano anterior. Também o emprego remunerado registou uma variação de -1,7% (+1,1% em 2019).

ACTIVIDADE

Portugal

2020 foi um ano atípico para o Turismo em Portugal. A pandemia ditou uma travagem a fundo do setor, que viu o número de hóspedes, dormidas e proveitos caírem abruptamente. Os dados divulgados pelo Turismo de Portugal apresentam quebras de: (i) 57,6% nas receitas do Turismo, (ii) 63% nas dormidas; (iii) 61,3% dos hóspedes, e (iv) de 66.1% dos proveitos totais.

De acordo com dados do INE, as unidades de alojamento turístico contaram com 10,5 milhões de hóspedes no total do ano passado (- 61,3% face a 2019), o que significa que passaram por estas unidades menos 16,6 milhões de pessoas.

As ausências mais notadas foram os turistas estrangeiros, num Portugal que é, há muito, um destino dependente do turismo dos não residentes. Mas as restrições e limitações impostas no combate à pandemia, aliadas aos receios de viajar, levaram a uma forte quebra no número de viajantes estrangeiros.



Em 2020, os hóspedes não residentes ascenderam a 3,9 milhões, representando uma descida de 75,7%. Em 2019, Portugal tinha recebido 16,4 milhões de turistas estrangeiros, o que significa que no ano passado perdeu 12,5 milhões de hóspedes não residentes.

Os mais de 10 milhões de hóspedes representaram 25,9 milhões de dormidas, o que se traduz num decréscimo de 63% face a 2019.

Em 2020, os principais responsáveis pelas dormidas foram os turistas residentes: 6,5 milhões de hóspedes residentes em Portugal foram responsáveis por 13,6 milhões de dormidas.

De acordo com o INE, "desde 1993, ano em que se registaram 23,6 milhões de dormidas, que não se observava um número de dormidas tão reduzido como o que se verificou em 2020".

"A pandemia COVID-19 teve notoriamente um forte impacto nos resultados anuais. No conjunto dos dois primeiros meses do ano, as dormidas apresentaram um crescimento de 10,8%, resultados que foram parcialmente influenciados por efeitos de calendário: o Carnaval, que em 2020 ocorreu em fevereiro e no ano anterior ocorreu em março, e em 2020 fevereiro teve 29 dias mais um que em 2019. No conjunto dos 10 meses seguintes, registou-se uma diminuição de 70,4% nas dormidas", nota o INE.

No primeiro confinamento, em março de 2020, muitos serviços e comércio tiveram de encerrar. E apesar dos hotéis não encerraram por decisão do governo, muitos dos serviços que estes oferecem - como cabeleireiro, spa, piscinas, restaurantes, bar e espaços para eventos - foram obrigados a fechar.

Ainda assim, a falta de procura obrigou ao encerramento de centenas de unidades de alojamento. Uma tendência atenuada no verão, mas que no Outono, perante o agravamento da crise de saúde pública e um novo aumento das restrições, ditou um novo fecho de portas.

A proporção de estabelecimentos encerrados ou que não registaram movimento de hóspedes disparou, especialmente nos meses de abril e Maio (85,0% e 74,1%, que contrastam com 17,9% e 16,3%, respetivamente, em 2019).

A pandemia ditou a mudança de muitos hábitos. Em 2020, o mês do Natal foi diferente. Apesar do alívio de algumas restrições, e ainda que para muitos o Natal tenha sido passado em família, não se verificaram os tradicionais jantares de Natal, festas e outros eventos associados à quadra, nem foi possível organizar as habituais festas de boas-vindas na Passagem do Ano. Estes factos tiveram um impacto bastante negativo no turismo, que em dezembro apresentou quebras de 70%.

De acordo com o INE, "em dezembro, 50,5% dos estabelecimentos de alojamento turístico estiveram encerrados ou não registaram movimento de hóspedes (49,0% em novembro)".

Empresa

Portugal

2020 foi sem dúvida o pior ano de sempre na história da Vila Galé.

Se em 2019 a Vila Galé tinha alcançado valores históricos, também em 2020 o fez, mas pela negativa. As quebras no volume de vendas chegaram aos 69,4% (aproximadamente menos 68,6 milhões de euros) e as taxas médias de ocupação anuais caíram para 17% (56,9% em 2019).

As limitações impostas pelo combate à pandemia, as quebras na procura e o fecho das fronteiras, ditaram a necessidade da empresa aderir a medidas de Layoff e obrigaram ao encerramento, ao longo de grande parte do ano, das maioria das suas unidades hoteleiras.

O encerramento das fronteiras teve especial impacto na região do Algarve, nomeadamente no que respeita aos mercados do Reino Unido, Alemanha, Espanha, Irlanda, Holanda e França que são tradicionalmente os principais mercados emissores.

A quebra nas receitas obrigou a um aumento do endividamento da empresa e impacta nos resultados operacionais, que se apresentam negativos.

Valeu à empresa a época do Verão e o mercado português, responsável por 61% das dormidas do grupo Vila Galé (35% em 2109).

A solidez financeira existente na Empresa permitiu, no entanto, absorver esses impactos.

Brasil

No Brasil, os efeitos da pandemia não foram tão nefastos, uma vez que quando se dá o início da mesma, em março de 2020, já o Brasil estava a terminar a sua época alta.

Ainda assim, mesmo beneficiando do facto das limitações impostas neste país serem menos restritivas que as adotadas em Portugal e da abertura do hotel Vila Galé Paulista, no 2º semestre de 2020, verificou-se uma redução da atividade na ordem dos 43%.

ANÁLISE ÀS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS

Resultados operacionais

RENDIMENTOS E GASTOS	2020	2019
Vendas e serviços prestados	31 064 005	98 848 615
Subsídios à exploração	3 211 620	362 519
Ganhos/perdas imputados de subsidiárias, associadas e empreendimentos conjuntos	(26 906 909)	8 916 875
Variação nos inventários da produção	(85 078)	430 343
Trabalhos para a própria entidade	-	-
Custo das mercadorias vendidas e das matérias consumidas	(2 860 092)	(8 797 997)
Fornecimentos e serviços externos	(12 637 407)	(28 582 856)
Gastos com o pessoal	(18 792 546)	(24 658 699)
Imparidade de inventários (perdas/reversões)	-	-
Imparidade de dívidas a receber (perdas/reversões)	(5 046)	(1 595 340)
Provisões (aumentos/reduções)	(31 500)	10 000
Imparidade de investimentos não depreciables/amortizáveis (perdas/reversões)	-	-
Aumentos/reduções de justo valor	(37 096)	19 353
Outros rendimentos	2 261 353	1 614 350
Outros gastos	(781 069)	(898 959)
Resultado antes de depreciações, gastos de financiamento e impostos	(25 599 764)	45 668 204
Gastos/reversões de depreciação e de amortização	(7 677 819)	(7 762 864)
Imparidade de investimentos depreciables/amortizáveis (perdas/reversões)	-	-
Resultado operacional (antes de gastos de financiamento e impostos)	(33 277 584)	37 905 340

O volume de faturação no exercício findo em 31 de dezembro de 2020 ascendeu a 31 milhões de euros, o que representa um decréscimo significativo de 69% face ao período homólogo, severamente afetado pela pandemia covid19, que obrigou ao fecho das unidades por alargados períodos de tempo. Em valores absolutos traduz-se numa redução de 67,8 milhões euros.

Os custos operacionais diretos, registaram no exercício findo de 31 de dezembro de 2020 igualmente um decréscimo, de 45% (cerca de 28 milhões euros em termos absolutos). Esta redução, de menor amplitude que das vendas, resulta diretamente da manutenção de postos de trabalho, premissa assumida pela Vila Galé e subjacente aos apoios de layoff prestados pela Segurança Social.

Os resultados operacionais brutos do ano de 2020 ainda assim (excluindo o efeito da equivalência patrimonial), ficaram-se pelos 1,3 milhões de euros.

A contribuição dos resultados das participadas no exercício de 2020, relevado em ganhos/perdas imputados de subsidiárias, foi significativo, no valor de 27 milhões de euros negativos (9 milhões de euros positivos em 2019).

Resultados financeiros

RENDIMENTOS E GASTOS	2020	2019
Juros e rendimentos similares obtidos	1 420 801	2 205 225
Juros e gastos similares suportados	(684 301)	(662 743)
Resultado antes de impostos	(32 541 084)	39 447 822



Os juros suportados resultam dos financiamentos obtidos, essencialmente para construção de unidades hoteleiras e apoio de tesouraria, sendo o acréscimo evidenciado consistente com o aumento do passivo bancário.

Investimento

Ativos fixos tangíveis;

Dando continuidade ao plano continuado de remodelação e melhoramento das suas unidades hoteleiras, a Empresa realizou no exercício de 2020 obras num investimento total de 5 milhões de euros. No exercício de 2019 o investimento em melhoramentos e remodelações ascendeu a 5 milhões de euros.

Participações financeiras;

A Vila Galé, SA procedeu ao aumento de capital em 1,15 milhão de euros na sua participada SV Frutas, por conversão suprimientos, conforme deliberação em Assembleia Geral.

A Vila Galé, SA procedeu ao aumento de capital em 600 mil euros na sua participada XVinus, por conversão suprimientos, conforme deliberação em Assembleia Geral.

A participada Vila Galé Brasil procedeu ao aumento de capital em 38,875 milhões euros, por conversão empréstimos.

A Vila Galé Internacional cedeu a posição que detinha na Vila Gale Brasil ao respetivo valor contabilístico de 14,6 milhões de euros à acionista Vila Galé (que passou a deter 100% da participação na Vila Galé Brasil), reduzindo o montante dos empréstimos de tesouraria efetuados pela acionista.

Dívida financeira

A dívida financeira no exercício findo em 31 de dezembro de 2020 aumentou em 29 milhões de euros, decorrente da contratação de linhas de crédito de médio/longo prazo de apoio à tesouraria, para fazer face ao impacto da covid19.

As amortizações das linhas de crédito de médio/longo prazo foram efetuadas de acordo com os planos de pagamentos estabelecidos com as entidades bancárias, não se tendo recorrido a moratórias.

Foram contratualizados com os bancos waivers no que respeita às cláusulas de cumprimento de rácios financeiros.

SITUAÇÃO PERANTE O ESTADO E SEGURANÇA SOCIAL

Em observação do Decreto-Lei 543/80, de 7 de novembro, informamos que não existem dívidas em mora ao Estado e Outros entes públicos, nem a Empresa é devedora de qualquer dívida vencida à Segurança Social.

PERSPETIVAS FUTURAS

Com o plano de vacinação implementado em Portugal é expectável que a suposta imunidade de grupo seja atingida em setembro de 2021 e nessa data se possa retomar a normalidade da atividade económica. Consideramos que à semelhança do que já se verificou em 2020, o mercado nacional possa retomar as viagens e deslocações internas durante o verão procurando locais para férias nas zonas costeiras ou no interior do país permitindo que durante este período as taxas de ocupação dos hotéis possam ser razoáveis. Os destinos de cidade, e porque são mais dependentes dos mercados externos e do mercado corporativo, admitimos que só possam retomar níveis de ocupação razoáveis em setembro/outubro.

No que diz respeito aos mercados internacionais, existe ainda hoje alguma incerteza quanto à retoma do transporte aéreo e número de ligações entre destinos e quanto às regras de circulação, em especial na união europeia. Será fundamental o consenso na união europeia quanto às regras de circulação e abertura de fronteiras. De qualquer modo, as nossas previsões apontam para um fluxo turístico internacional superior ao verificado no verão de 2020, mas ainda assim longe dos números atingidos em anos anteriores.

Os estudos indicam que existe uma vontade reprimida de viajar e que parte dos fluxos turísticos serão retomados já no segundo semestre de 2021, embora será em 2022 que julgamos que haverá condições para o regresso à normalidade. Admitimos que os números que se verificavam no período pré-pandemia só venham a ser novamente atingidos entre 2023 e 2024.

Consequentemente, a Administração não prevê que exista um risco de continuidade, dada a posição financeira forte que lhe permitiu absorver a redução nos resultados decorrentes da pandemia, bem como as expetativas de retoma para 2021.



VILA GALÉ, SOCIEDADE DE EMPREENDIMENTOS TURÍSTICOS, S.A.

RELATÓRIO DE GESTÃO NOTAS FINAIS

Os membros do Conselho de Administração da Empresa, querem deixar expresso o seu reconhecido agradecimento a todas as entidades públicas e privadas que, direta ou indiretamente, têm apoiado e colaborado com a nossa Sociedade e que contribuíram para a atividade da empresa ao longo do ano de 2020.

Agradece-se e assinala-se com particular estima, o apoio e a colaboração dos membros da Mesa da Assembleia-Geral, Conselho Fiscal e Revisores Oficiais de Contas, no desempenho das suas funções.

Aos clientes, fornecedores, instituições financeiras e outros parceiros de negócio, o nosso reconhecimento pela confiança que têm depositado nas nossas atividades.

Finalmente, é merecedor de reconhecimento aos colaboradores da Empresa, o elevado espírito de profissionalismo, sentido de dever, contributo, empenho, decisivos para os resultados alcançados.

